



Data: 11.07.2020

Titulo: CRISE DO TURISMO ARRASTA PIB PARA PIOR TRIMESTRE DE SEMPRE

Pub: **Expresso** **ECONOMIA**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;16;17

# CRISE DO TURISMO ARRASTA PIB PARA PIOR TRIMESTRE DE SEMPRE



➔ Economistas apontam para queda média de 16,5% entre abril e junho ➔ Portugal vai ter uma das recessões mais graves da Europa ➔ Empresários do Algarve avisam que o maior embate chega a partir de outubro <sup>E16</sup>

FOTO: FILIPE FARINHA/STILLS

Área: 1188cm² / 30%

Tiragem: 123.400

FOTO: 4 Cores

ID: 6893584



Data: 11.07.2020

Título: CRISE DO TURISMO ARRASTA PIB PARA PIOR TRIMESTRE DE SEMPRE

Pub: **Expresso** ECONOMIA

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;16;17

## CRISE



Em tempos de pandemia, o peso do sector do turismo é um lastro que atrasará a retoma da economia

FOTO FILIPE FARINHA/STILLS

# A história do trimestre mais negro da economia portuguesa

Economistas apontam **queda histórica do PIB**. Média das projeções sinaliza **tombo de 16,5%**. Atividade afundou em abril e melhorias em maio foram pouco visíveis

SÓNIA M. LOURENÇO

São tempos inéditos os que se têm vivido em Portugal — e no mundo — nos últimos meses, na sequência da pandemia de covid-19. Como inéditos são os números da crise económica que o surto do novo coronavírus está a arrastar. Antecipando os números que o Instituto Nacional de Estatística (INE) irá avançar em meados de agosto, o Expresso ouviu vários economistas sobre a evolução da economia portuguesa no segundo trimestre do ano e não restam dúvidas que a queda foi histórica.

A média das projeções do banco Santander, do BPI, do ISEG e do NECEP/Universidade Católica aponta para uma contração do Produto Interno Bruto (PIB) de 16,5% em termos homólogos. Para ter uma ideia da dimensão inédita do tombo, basta notar que, até aqui, a queda trimestral mais severa sofrida pela economia portu-

guesa na história da democracia foi de 4,5%, quando Portugal estava sob a égide da *troika*. Quanto à evolução em cadeia, a média das previsões é de uma contração de 14,5%. Para o conjunto do ano, o cenário repete-se: uma queda inédita. A média das projeções (que não incluem o ISEG por este número estar em revisão) indica uma contração do PIB de 10,5%. Até aqui, a queda mais marcada tinha acontecido em 2012, nos 4,1%.

Este número significa que o PIB vai continuar a cair no terceiro e no quarto trimestres de forma expressiva em termos homólogos (11,6%, em média), apesar de começarmos a assistir a variações em cadeia positivas. João Borges Assunção, professor da Católica Lisbon School of Business & Economics, chama a atenção para a evolução da economia na reta final do ano. “Uma queda homóloga inferior a 5% no quarto trimestre seria muito boa

notícia”, já que permite admitir “uma recessão curta com rápida recuperação da normalidade”. Caso contrário, “a destruição de capacidade produtiva, emprego e rendimento só permitirá uma recuperação lenta e penosa”.

### A timidez da retoma

A história do segundo trimestre conta-se em duas penadas. Com o país em confinamento durante todo o mês de abril, a atividade económica caiu a pique. Já em maio, apesar do início do desconfinamento, as melhorias foram pouco visíveis. É nesse sentido que apontam os indicadores disponíveis, sinalizando a timidez da retoma da atividade (ver caixa ao lado), ainda que a informação disponível sobre maio seja ainda parcelar e para junho quase inexistente.

“Não estamos a ver a recuperação rápida após o confinamento que se chegou a pensar que podia acontecer”, vinca José Maria Brandão de

Área: 1188cm² / 30%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6893584



Brito, economista-chefe do Millenium bcp. Isto “significa que a crise está a deixar marcas duradouras na economia nacional”, alerta. Rui Constantino, economista chefe do banco Santander em Portugal, aponta no mesmo sentido: “Mesmo nas atividades em recuperação, os níveis a que estão a operar ainda se situam muito abaixo da tendência pré-covid.”

Sinal disso, o indicador coincidente do Banco de Portugal para a atividade económica, que procura captar a tendência da evolução homóloga do PIB, voltou a registar uma redução acentuada em maio, tal como já tinha acontecido em abril, caindo para um novo mínimo histórico.

António Costa, professor do ISEG, lembra que “temos assistido a sucessivas revisões de previsões”, tornando-se cada vez mais negativas. Muito por causa da “consciência de uma maior incerteza quanto ao controlo, duração

**O QUE DIZEM OS INDICADORES**

**Indústria**

A produção caiu 27,4% em abril e 26% em maio, em termos homólogos. O recuo no volume de negócios atingiu 33,3% em abril e 31,2% em maio

**Consumo de eletricidade**

O consumo médio em dia útil encolheu 13,8% em abril, em termos homólogos, a maior queda da série do INE. Recuo em maio chegou aos 13,2%

**Comércio a retalho**

O volume de negócios deu um tombo de 22,2% em abril, em termos homólogos. Em maio, a queda foi mais contida: 13,1%

**Construção**

O sector tem sido a exceção positiva na economia. As vendas de cimento para o mercado interno registam alguma desaceleração, mas ainda

cresceram 5% em abril

**Turismo**

O sector ‘parou’ em abril e maio, com quebras homólogas de 97% e de perto de 95%, respetivamente, nos hóspedes e dormidas

**Comércio internacional**

É uma das incógnitas do trimestre. Em abril, as exportações e as importações de bens recuaram 39,8% e 39,1%, respetivamente. À hora de fecho desta edição ainda não eram conhecidos os dados de maio

**Desemprego**

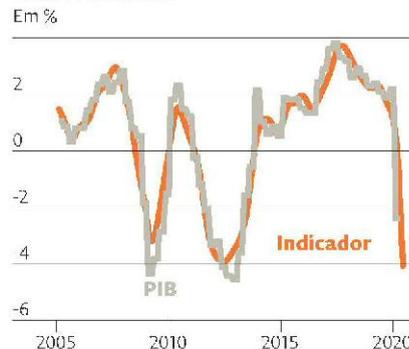
O número de desempregados inscritos nos centros de emprego aumentou 24%, em termos homólogos, em abril e 36,2% em maio

e superação da crise sanitária; maior consciência da natureza mundial da crise sanitária e da consequente crise económica”.

O turismo está no centro do furacão. As medidas necessárias de estancamento e combate à pandemia, “pela alteração de atitudes que impõe, como as regras de distanciamento social, afetam particularmente as atividades afetas ao turismo e ao lazer”, salienta Paula Carvalho, economista-chefe do BPI. O sector “parou” em abril e maio. Os dados do INE mostram quebras homólogas de 97% e de perto de 95%, respetivamente. E o cenário para este verão é pouco animador, face à decisão de países como o Reino Unido de excluir Portugal da lista de corredores aéreos. O sector que foi um dos principais motores nacionais nos últimos anos, é agora um lastro que atrasará a retoma.

slourenco@expresso.impresa.pt

**INDICADOR COINCIDENTE MENSAL PARA A ATIVIDADE ECONÓMICA**



FORNTE: BANCO DE PORTUGAL

**VARIAÇÃO HOMÓLOGA TRIMESTRAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO**



Valor para o segundo trimestre corresponde à média das previsões de NECEP/Universidade Católica, ISEG, BPI e Santander. Valores para o terceiro e quarto trimestre são a média de como a economia deverá evoluir, tendo em conta o valor do primeiro trimestre e o valor projetado para o segundo trimestre, para chegar ao final do ano com uma queda de 10,5%, que corresponde à média das projeções anuais de NECEP/Universidade Católica, BPI e Santander. O ISEG tem a projeção anual em revisão.

FORNTE: INF; NECEP/UNIVERSIDADE CATÓLICA; ISEG; BPI; SANTANDER